

REFLEXÕES SOBRE OS  
**ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
NA CONTEMPORANEIDADE

---

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
(Organizador)



REFLEXÕES SOBRE OS  
**ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
NA CONTEMPORANEIDADE

---

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
(Organizador)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## Reflexões sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0577-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.771221708>

1. Linguagem. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 418.007

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editores  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Em **REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE**, coletânea de cinco capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área de Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, reflexões que explicitam essas interações. Nelas estão debates que circundam literatura, escrita de ou em exílio, termos oracionais, arquétipos conceptuais, tuítes, iconicidade, variações linguísticas e libras.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LITERATURA CLARICEANA EM APROXIMAÇÃO À LITERATURA SCLARIANA: O IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO DE UMA ESCRITA DE (OU EM) EXÍLIO	
Lemuel de Faria Diniz	
Marta Francisco de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217081">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217081</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
TERMOS ORACIONAIS E ARQUÉTIPOS CONCEPTUAIS: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DE CONCEITOS DAS GRAMÁTICAS NORMATIVA, DESCRITIVA E COGNITIVISTA	
Daniel Felix da Costa Júnior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217082">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217082</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
O MAL-ENTENDIDO EM TUÍTES: BREVES REFLEXÕES	
Débora Cristina Longo Andrade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217083">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217083</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
ICONICIDADE NOS SIGNOS MULTIMODAIS DAS HQS	
Darcilia Marindir Pinto Simões	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217084">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217084</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
ANÁLISE DE VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS NA LIBRAS	
Myrna Salerno Monteiro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217085">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217085</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>63</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>64</b>

# CAPÍTULO 2

## TERMOS ORACIONAIS E ARQUÉTIPOS CONCEPTUAIS: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DE CONCEITOS DAS GRAMÁTICAS NORMATIVA, DESCRITIVA E COGNITIVISTA

Data de aceite: 01/08/2022

Data de submissão: 06/06/2022

**Daniel Felix da Costa Júnior**

Doutor em Estudos de Linguagem – UFF  
Grupo de Estudos da Metáfora (GESTUM –  
UFF)

Secretaria Municipal de Educação (SME- Rio)  
Rio de Janeiro - RJ  
<https://orcid.org/0000-0002-8374-8836>

**RESUMO:** São múltiplas as opções de gramática disponíveis no cenário atual, e são igualmente múltiplas as maneiras de tratar os termos oracionais em cada proposta. O objetivo deste artigo é o de viabilizar um comparativo dos conceitos que circulam atualmente em alguns campos dos estudos linguísticos. Para tal, comparam-se três modelos gramaticais com suas respectivas finalidades, ôntica, deôntica e cognitiva. A análise fundamenta-se em abordagem qualitativa, delimitada por um *corpus* de seis gramáticas dos seguintes autores: Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2004), Bechara (2010 e 2015), Perini (2005) e Langacker (2008). Mediante análise contrastiva, nota-se que as principais discordâncias se referem ao caráter explícito e não explícito do sujeito, bem como à dissolução terminológica dos predicados verbal, nominal e verbonominal. Os quadros apresentados indicam que a *Breve gramática do português contemporâneo* e a *Gramática normativa da língua portuguesa* estão mais próximas entre si do que das gramáticas de teor

descritivo; a *Moderna gramática portuguesa*, de viés híbrido, é a obra que mais se aproximou dos pontos adotados na *Gramática descritiva do português*; e a *Cognitive grammar*, foi a gramática que menos se assemelhou aos demais tratados, devido a sua ênfase nos processos mentais. Contrastes como este, entre gramáticas distintas, favorecem o entendimento dos termos e tendem a promover reinterpretações mútuas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramática. Cognição. Termos oracionais; Arquétipos conceptuais.

### CLAUSE TERMS AND CONCEPTUAL ARCHETYPES: A CONTRASTIVE ANALYSIS OF SOME CONCEPTS IN NORMATIVE, DESCRIPTIVE AND COGNITIVE GRAMMARS

**ABSTRACT:** There are multiple grammar options available in the current scenario, and there are also multiple ways of dealing with clause terms in each proposal. This article aims to enable a comparison of the concepts that currently circulate in some fields of linguistic studies. Thus, three grammatical models are compared with their respective purposes: ontic, deontic and cognitive. The analysis is based on a qualitative approach, delimited by a corpus of six grammars by the following authors: Rocha Lima (2011), Cunha and Cintra (2004), Bechara (2010 and 2015), Perini (2005) and Langacker (2008). Through contrastive analysis, it is noted that the main disagreements refer to the explicit and non-explicit character of the subject, as well as the terminological dissolution of the verbal, nominal and verb-nominal predicates. The tables presented indicate that *Breve gramática do*

*português contemporâneo* and *Gramática normativa da língua portuguesa* are closer to each other than to the grammars with a descriptive characteristic; *Moderna gramática portuguesa*, with a hybrid approach, is the work that most closely approximates the points adopted in the *Gramática descritiva do português*; and *Cognitive grammar* was the grammar that was least similar to the other books, due to its emphasis on mental processes. Contrasts like this, between different grammars, favor the understanding of terms, in addition to promoting mutual reinterpretations.

**KEYWORDS:** Grammar. Cognition. Clause terms. Conceptual archetypes.

## 1 | INTRODUÇÃO

Há uma aparente simplicidade no rótulo que abarca os “termos essenciais da oração”, pois a categorização dos componentes promoveria o desembaraço de uma nomenclatura considerada basilar na análise da sentença. Tais termos apresentam simplicidade até que se lhes cheguem os fenômenos, em cujos momentos desvelam-se as variações terminológicas, aquelas em que os diversos gramaticistas divergem.

Inicialmente, importa perceber que, caso a tarefa terminológica fosse uma simples diligência, não teria havido a necessidade de uma unificação, como a que fora promovida pela *Nomenclatura gramatical brasileira* (NBG), ao final dos anos 1950. Mesmo que projetos de unificação sejam louváveis do ponto de vista pedagógico-normativo, este artigo não vislumbra tal propósito. O propósito destas linhas é apenas o de viabilizar um comparativo dos conceitos que circulam atualmente em alguns campos dos estudos linguísticos. Para isso, parte-se de três modelos gramaticais considerados adequados ao que se lhes propõe: seus fins ôntico, deôntico e cognitivo.

A despeito de algumas divergências lexicais permanecerem no mesmo campo semântico, precipita-se, a título de prelúdio, a maneira como o tema diverge em distintos autores: Cunha e Cintra (2004, p. 89) descrevem o dualismo das partes oracionais como “termos essenciais”; Rocha Lima (2011, p. 288) menciona as mesmas partes tratando-as por “termos básicos”; Perini (2005, p. 68) chama-os de “constituintes imediatos”. Grande parte dessas dissonâncias deve-se à adequação do termo “essencial” às abordagens dos componentes sujeito e predicado, uma utilização que forneceria o mesmo nível de equiparação às subpartes oracionais. É nesse contexto que se insere o presente trabalho, traçando-se por fornecer uma análise contrastiva das abordagens dos conceitos de sujeito e predicado.

Antes de chegar às conclusões, este artigo divide-se em dois grandes blocos: um que compara os conceitos de “termos essenciais” e outro que fornece uma visão cognitivista da organização oracional, neles há seções específicas para as tipologias de sujeito, de predicado e de arquétipos conceptuais.

## 1.1 Metodologia e *corpus*

O caráter comparativo desta pesquisa confere-lhe traços historiográficos, como um quadro momentâneo de registros escritos da ciência linguística. Devido a isso, a abordagem qualitativa é estritamente bibliográfica, une a interpretação textual à análise de um *corpus* bem delimitado de obras publicadas. As sentenças de exemplificação, enumeradas, baseiam-se em método introspectivo, utilizado por diversos linguistas de áreas mentalistas/cognitivistas (CHOMSKY, 1962; LANGACKER, 2008; TALMY, 2007).

A respeito das obras que compõem o *corpus*, esclarecem-se os seguintes critérios de seleção: a) reconhecimento acadêmico do autor; b) legitimação institucional da obra; c) existência de capítulo ou seção que trate especificamente da estrutura oracional – este delimita a área do livro levada em consideração na análise, esse reflete a abrangência de menções à obra, e aquele dimensiona os autores nos meios acadêmicos e noutras esferas sociais.

Importa, além disso, compreender a distinção pela qual as obras do *corpus* são segmentadas em: gramática normativa, gramática descritiva e gramática cognitivista. A diferença primordial entre os tipos de gramática está no eixo de finalidade a que se comprometem, quase sempre pedagógica ou científica. A gramática descritiva é de caráter científico, “[...] registra e descreve um sistema linguístico homogêneo [...] segundo um modelo teórico escolhido para descrição” (BECHARA, 2010, p. 14), como complemento, a gramática cognitivista poderia ser considerada um subtipo do modelo descritivo. Por outro lado, a gramática normativa possui caráter pedagógico, preocupando-se com modelos “[...] da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social” (BECHARA, 2010, p. 14).

Nesse sentido, as obras, aqui consultadas, que possuem um viés normativo-tradicional são: a de Rocha Lima (2011) e a de Cunha e Cintra (2004); a que possui um viés normativo, mas com algumas menções à descrição científica, é a de Bechara (2010); a gramática de Bechara (2015) possui um caráter híbrido, tendo um viés normativo e descritivo; a obra que possui um viés descritivo-científico é a de Perini (2005), com abordagem próxima ao gerativismo; e a obra com abordagem cognitivista é a gramática de Langacker (2008), conforme apresenta o Quadro 1.

Título da obra	Abreviatura	Autoria	Viés
<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i>	GNLP	Rocha Lima (2011)	Normativo
<i>Breve gramática do português contemporâneo</i>	BGPC	Cunha e Cintra (2004)	Normativo
<i>Gramática escolar da língua portuguesa</i>	GELP	Bechara (2010)	Normativo
<i>Moderna gramática portuguesa</i>	MGP	Bechara (2015)	Normativo e Descritivo
<i>Gramática descritiva do português</i>	GDP	Perini (2005)	Descritivo
<i>Cognitive Grammar</i>	CG	Langacker (2008)	Cognitivista

Quadro 1 – Corpus da pesquisa bibliográfica

Fonte: elaboração própria

## 2 | OS TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

É frequente, no ensino básico, a indicação de que a oração conste de dois termos essenciais. Assim, duas gramáticas apresentam definições percebidas como “tradicionais” a esse respeito: a GNLP esclarece que o sujeito é “o ser de quem se diz algo” e o predicado é “aquilo que se diz do sujeito” (ROCHA LIMA, 2011, p. 288); na BGPC, o sujeito “é o ser sobre o qual se faz uma declaração” e o predicado é “tudo aquilo que se diz do sujeito” (CUNHA; CINTRA, 2004, p. 89). Há, no entanto, outras definições que tornam mais complexo o entendimento dos termos.

Ao tratar do sujeito e do predicado, a gramática GELP não inicia a explanação equiparando os dois termos na essencialidade da oração, tal qual fossem de igual valor, mas dá ao predicado o papel da centralidade oracional fornecida pelo verbo. Insiste que a “[...] natureza semântica (de significado) e sintática (de relação gramatical) determinará se a predicação da oração é referida a um sujeito, ou não” (BECHARA, 2010, p. 15), e o termo referente dessa predicação é chamado sujeito. Noutra gramática do mesmo autor, a MGP, o sujeito é visto como “[...] unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração” (BECHARA, 2015, p. 427).

Voltando-se para a GDP, vê-se que os sintagmas representam os grandes constituintes que são considerados “constituintes imediatos da oração” (PERINI, 2005, p. 68), isso significa que os sintagmas assumem a função de sujeito, predicado e objeto. Como cada sintagma pode ser analisado em sua estrutura sintática interna, os constituintes imediatos são aqueles que, numa árvore sintática, “[...] aparecem imediatamente abaixo do nóculo correspondente à oração [...] representam, por assim dizer, o primeiro corte realizado na estrutura oracional” (PERINI, 2005, p. 71). Nesse caso, sujeito é “[...] o termo

da oração que está em relação de concordância com o NdP [núcleo do predicado]” (PERINI, 2005, p. 77).

Os conceitos supramencionados podem ser avaliados, se comparados mediante síntese apresentada no Quadro 2.

Gramática	Sujeito	Predicado	Essencialidade do par sujeito/predicado
GMLP Rocha Lima	O ser de quem se diz algo	Aquilo que se diz do sujeito	Sim
BGPC Cunha e Cintra	O ser sobre o qual se faz uma declaração	Tudo aquilo que se diz do sujeito	Sim
GELP Bechara	O termo referente da predicação	Referência indicada pela natureza semântica e sintática de um verbo	Não * ênfase no predicado
MGP Bechara	Sintagma nominal que estabelece relação predicativa com o núcleo verbal	Referência indicada pela natureza semântica e sintática de um verbo	Sim (parcialmente) * o par orienta a relação predicativa constituída como “favorita” na LP
GDP Perini	O termo da oração que está em relação de concordância com o núcleo do predicado	Função assumida por um dos constituintes imediatos, sendo composta unicamente pelo verbo, ou por sua forma perifrástica	Não * Os sintagmas que são tratados como essenciais, não o par suj./pred.

Quadro 2 – Sujeito, predicado e essencialidade do par

Fonte: elaboração própria

## 2.1 Taxonomia do sujeito

Para estudantes do ensino básico, o que realmente importa é saber localizar o sujeito na frase e ser capaz de concordá-lo com o verbo que se lhe dirige, assim seria o ensino de gramática com proposta funcional. No entanto, as gramáticas oferecem uma gama de classificações que não necessariamente ensinam a usar a língua, mas sim a categorizá-la. Obviamente, os fins de cada uma das gramáticas que temos acesso possuem alguma validade. Veja-se a seguir.

A GMLP de Rocha Lima (2011) indica que o sujeito é expresso por um substantivo, ou equivalente. O substantivo representa o núcleo do sujeito e pode ser representado por mais do que apenas um núcleo. Posicionamento semelhante é o de Cunha e Cintra (2004), em que o substantivo é o núcleo do sintagma nominal e que podem ocorrer diversos sintagmas nominais na oração, mas apenas um deles é considerado o sujeito. A GELP de Bechara (2010) indica que a predicação pode ser referida ou não referida; caso seja referida, o sujeito pode apresentar um núcleo. Nesse sentido, estes três últimos compêndios concordam com os conceitos de *sujeito simples*, como detentor de único núcleo, e de *sujeito*

*composto*, como detentor de mais de um núcleo. Sob o mesmo ponto, a MGP abstém-se da nomenclatura usual e utiliza o termo “explicitação léxica” para indicar que esses sujeitos se prestam a “um melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto” (BECHARA, 2015, p. 427). Estão explícitos lexicalmente os sujeitos a seguir, em (1) há apenas um núcleo de sujeito, em (2) os núcleos compartilham a importância dividindo-se em dois representantes.

(1) Os *reis* magos trouxeram-lhe presentes.

(2) A *justiça* de Ogum e a *furtura* de Oxóssi são conceitos sacros.

O *sujeito oculto* é o termo usado na nomenclatura gramatical para referir-se ao sujeito que é identificável na oração, mas que não está expresso lexicalmente (CUNHA; CINTRA, 2004, p. 93). Este é o tipo de sujeito que apresenta mais variações de títulos: para a BGPC o sujeito é “oculto ou determinado”; para Rocha Lima (2011), “determinado”. Bechara (2010 e 2015) não o menciona diretamente na seção sobre sujeito, mas o faz indiretamente ao contrastar o caráter explícito e implícito dos sujeitos. Um fato divergente, para o senso comum de pessoas letradas, seria a postura adotada por Perini (2005): a de que uma oração, como a expressa na sentença (3), deva ser analisada como uma “oração sem sujeito” e não como “oculto”.

(3) Desfiz as malas.

Tal postura é coerente com sua definição de sujeito, sendo esse o termo que concorda com o núcleo do predicado. Trata-se, pois, de uma visão exclusivamente sintática, já que sintaticamente o sujeito oculto equivale à oração sem sujeito – não há nele sintagma que concorde com o verbo, sua identificação é semântica e/ou morfológica: “[...] oração sem sujeito envolve certas noções semânticas, [...] lembremo-nos que (70) é uma oração sem sujeito, já que não existe nenhum termo explícito que esteja em relação de concordância com o verbo” (PERINI, 2005, p. 78).

Dois exemplares seguem a ordem tradicional da tipologia do sujeito, GNLP e BGPC, posicionando as descrições do sujeito indeterminado e da oração sem sujeito logo após os três tipos mencionados nos parágrafos anteriores. O *sujeito é indeterminado* quando “[...] o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento” (CUNHA; CINTRA, 2004, p. 94). Ao falar sobre este tipo de sujeito, Rocha Lima (2004, p. 289) separa um padrão de análise específico para a determinação, pelo qual todos os sujeitos identificáveis são considerados *determinados* (o simples, o composto e o oculto), enquanto os sujeitos não identificáveis (embora existentes) são considerados *indeterminados*.

Bechara, em seus dois trabalhos (2010, 2015), subverte parcialmente essa cronologia tipológica ao aproximar o sujeito inexistente e o sujeito indeterminado. Na GELP, a oração sem sujeito é descrita antes do sujeito indeterminado, quase como se dissesse que os dois tipos possuem algum fator de semelhança. Na MGP, o sujeito indeterminado e a oração sem sujeito nem chegam a ser descrita na seção “sujeito e predicado” (BECHARA, 2015,

p. 427-479), mas sim na seção dedicada ao tema “oração e frase” (p. 423-427), dando a entender que os dois tipos são uma questão mais pertinente à ideia de “oração” do que ao papel sintático de “sujeito”. Abstraindo-nos das minúcias logísticas, as quatro gramáticas, recém mencionadas, concordam que a indeterminação ocorre com a presença de um verbo em terceira pessoa do plural ou de um verbo em terceira pessoa do singular acrescido de “-se”. Nesse sentido, a GDP de Perini (2005) é a única gramática que não descreve o sujeito indeterminado pela presença da terceira pessoa verbal, repete-se o mesmo procedimento dado ao sujeito oculto, o de tratá-lo como uma oração sem sujeito (Quadro 3).

Gramática	Uso dos termos “simples” e “composto”	Uso do termo “oculto”	Uso do termo “indeterminado”
GNLP	Sim * ou “determinado explicitamente”	Não * usa o termo “deter-minado implicitamente”	Sim
BGPC	Sim	Sim * ou “determinado”	Sim
GELP	Sim	Não * menciona o caráter explícito/ implícito	Sim
MGP	Não * uso do termo “expi-citação léxica”	Não * menciona o caráter explícito/ implícito	Sim
GDP	Não * especifica como Sintagma Nominal de traço [+CV]	Não * o sujeito oculto é tratado como “oração sem sujeito”	Não * sintaticamente equivale à “oração sem sujeito”

Quadro 3 – Nomenclatura de categorização do sujeito

Fonte: elaboração própria

A *oração sem sujeito* possui a característica do verbo impessoal e é percebida ao “[...] referirmo-nos ao processo verbal em si mesmo, sem o atribuímos a nenhum ser” (ROCHA LIMA, 2011, p. 289). Os gramáticos mais tradicionais indicam não haver nela uma “atitude psicológica”, ou semântica, de esconder o sujeito, como ocorre com alguns tipos indeterminados (ROCHA LIMA, 2011; CUNHA; CINTRA, 2004). As gramáticas normativas deste estudo concordam que a principal característica da impessoalidade está nos verbos e expressões que denotam fenômenos da natureza e nos verbos “haver, fazer e ser” empregados impessoalmente (sentenças 4.a e 4.b).

- (4) a. *Faz calor em demasia hoje.*  
b. *Trovejou durante toda a noite.*

- (5) *Basta de crimes!*

Bechara (2010 e 2015) consegue ser mais abrangente ao incluir expressões específicas de impessoalidade, sentença (5), como “basta/chega + *de*” (ideia de suficiência);

“ir + de”, “vir + por ou a”, “andar por ou a”, “passar + de” (ideia de tempo); e “tratar-se + de”. Para Perini (2005, p. 77-79), a oração é sem sujeito quando não apresenta um sintagma nominal de valor [+CV], nessa característica, são incluídas tanto o sujeito oculto, o indeterminado quanto o inexistente, todos eles podendo apresentar a combinação NdP + SN[-CV], ou apenas o NdP.

## 2.2 Taxonomia do predicado

A composição do predicado apresenta longos pormenores de descrição. Devido ao escopo reduzido deste artigo, enfocaremos uma classificação mais superficial e geral sobre a abordagem fornecida nos livros de gramática. A classificação mais comum no cotidiano escolar é apresentada pelas normativas de Rocha Lima e de Cunha e Cintra, na qual o predicado pode ser: nominal, verbal ou verbonominal. O *predicado nominal* é formado por “verbo de ligação + predicativo”: o verbo de ligação serve “[...] para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de carácter nominal” (CUNHA; CINTRA, 2004, p. 98); já o predicativo é uma forma nominal, geralmente um adjetivo (ou termo na função de adjetivo) que “[...] é, na realidade, o predicado; mas, pelos seus caracteres de forma e posição, recebe particularmente o título de *nome predicativo*, ou, apenas – *predicativo*” (ROCHA LIMA, 2011, p. 293, grifos no original).

Para Rocha Lima (2011, p. 293), o *predicado verbal* exprime um fato, um acontecimento, ou uma ação, seu núcleo é um verbo, que pode ou não ser acompanhado de outros elementos. O verbo, no núcleo do predicado verbal, é denominado, por Cunha e Cintra (2004, p. 100), um “verbo significativo” – pois trazem uma ideia nova ao sujeito. Quanto à predicação verbal, Bechara (2010 e 2015) sintetiza-a em *predicado simples* e *predicado complexo*, diferenciando-se dos gramáticos mais tradicionais. O “simples” é composto por um verbo de significação muito definida e que se encerra nele mesmo (o verbo intransitivo), enquanto o “complexo” é formado por um verbo de significação mais ampla (o verbo transitivo), em que é necessário um termo complementar para delimitá-lo.

Há ainda o *predicado verbonominal*, que, para a BGPC de Cunha e Cintra (2004, p. 102), possui dois núcleos significativos: um verbo e um predicativo. As três divisões de predicado, em nominal, verbal e verbonominal, não encontram amparo numa gramática descritiva como a GDP. Para Perini (2005), o núcleo do predicado é sempre o verbo, não importando a distinção existente entre os verbos de ligação e significativos, já que, no plano sintático, o sintagma nominal do sujeito, representado por SN[+CV], sempre concorda com o verbo NdP. Essa posição entra em consonância com a postura adotada em Bechara (2010 e 2015), que criou a distinção “simples/complexo” para afastar-se das inconsistências da tipologia tradicional, em suas palavras:

[...] do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os

linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbonominal*. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo. (BECHARA, 2015, p. 444, grifos no original)

O Quadro 4, a seguir, reflete parte da discussão exposta nesta seção.

Gramática	Uso do termo “predicado nominal”	Uso do termo “predicado verbal”	Uso do termo “verbonominal”
GNLP	Sim	Sim	Sim
BGPC	Sim	Sim	Sim
GELP	Não	Não	Não
MGP	Não	Não o usa como um termo para distingui-lo de outros predicados. * todo predicado é verbal	Não
GDP	Não	Não o usa como termo para distingui-lo de outros predicados. * todo predicado é com-posto pelo núcleo verbal NdP	Não

Quadro 4 – Nomenclatura de categorização do predicado

Fonte: elaboração própria

### 3 | OS ARQUÉTIPOS CONCEPTUAIS NA ESTRUTURA ORACIONAL

As teorias cognitivistas, amparadas sob um rótulo maior de linguística cognitiva, convergem pelo interesse comum de investigar a mente mediante os fenômenos da linguagem. Embora, em sentido lato, todos os campos linguísticos pertençam ao âmbito da cognição, linguistas desse campo demarcam sua especificidade investigativa por meio do termo “cognitivo”, na busca de enfatizar não apenas o funcionamento da linguagem, mas os processos da mente. Um dos ramos de tal linguística é conduzido pelos estudos gramaticais de Ronald Langacker, de cuja semântica cognitiva originam-se os termos já consagrados sobre *construal*, foco, proeminência, perspectiva e ponto de vantagem.

Para a *Cognitive grammar* (CG) de Langacker (2008), a estrutura da oração, ou da cláusula, está ancorada na experiência humana básica, isto é, ela é melhor descrita referindo-se a concepções arquetípicas que representam os aspectos fundamentais da experiência. A centralidade da oração é refletida no verbo enquanto expressão que perfila um processo, o qual depende de uma ancoragem do “[...] evento de fala, seus participantes e suas circunstâncias imediatas (como o tempo e espaço)” (LANGACKER, 2019, p. 166). Sendo a ancoragem o elemento que pode figurar externamente ao escopo de predicação, ou que está parcialmente implícito no escopo máximo, ou ainda o que se inclui objetivamente

no escopo imediato de predicação.

Assim como o sujeito e o predicado são definidos na qualidade de essenciais para outras teorias da oração, nesta CG, os *arquétipos conceptuais* funcionam como protótipos para os elementos oracionais:

- a) o arquétipo de *organização da cena* trata de uma quantidade de participantes móveis inseridos num cenário mais global, em relações que ressaltam a localização dos participantes;
- b) o *modelo bola de bilhar* concebe-se na mobilidade dos participantes, ilustrados ao modo de “[...] objects moving through space and impacting one another through forceful physical contact.” (LANGACKER, 2008, p. 355);
- c) o arquétipo *cadeia de ação* baseia-se numa série de interações de força envolvendo interações de energia.

Compondo os modelos, existem os *papéis arquetípicos*, que trazem as funções mais rotineiras para os participantes de algum evento: agente, paciente, instrumento, experienciador, movente e termo zero.

- d) o *modelo de palco* é um arquétipo que reflete a maneira como as pessoas apreendem o mundo externo, sendo uma atividade similar a assistir uma partida esportiva. Nele há um processo de dirigir e focar a atenção, partindo de um escopo máximo, o participante seleciona uma área menor, lócus de sua atenção;
- e) o *arranjo de visualização padrão* diz respeito a interlocutores que, estando juntos numa localização, compartilham uma linguagem para descrever fenômenos do mundo.

Por fim, Langacker (2008, p. 357) oferece uma fusão de tais arquétipos que serve de ponto de partida para a discussão da estrutura oracional: o *modelo de evento canônico*. Em torno da cláusula, um evento de força e delimitação delinea-se com um agente (AG) que atua sobre um paciente (PAT) a induzir uma mudança de estado. O foco de atenção delimita um escopo imediato (IS) a partir de um espectador/visualizador (V) que não participa da cena, embora esteja nos bastidores do cenário – pormenores que, se unidos, formam um cenário global (MS), ver Figura 1 e Quadro 5.

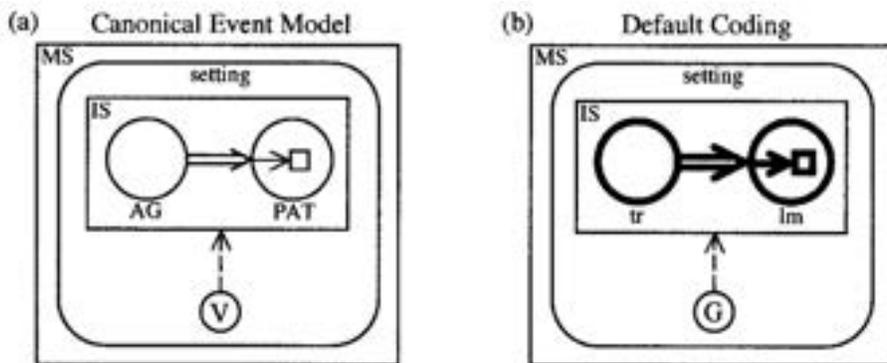


Figura 1 - Modelo de evento canônico e codificação de padrão

Fonte: Langacker (2008, p. 357)

Por exemplo, numa sentença como a (6), tem-se a cena em que alguém presencia um gato a arranhar o sofá, o que gera uma mudança de estado no objeto sofá (Figura 1.a / sentença 6.b), sendo uma representação genérica para o nível conceptual. Por outro lado, a figura (1.b) e sentenças (6.a e 6.c) indicam um perfilamento, representa o nível de efetivação da expressão linguística, momento em que o agente se assume como um trajector (tr) em direção ao ponto de referência (lm), outrora sob o rótulo de paciente; há também o dêitico *ontem* que passa a figurar no pano de fundo (G), entendendo-se por um ponto de referência implícito, mesmo estando fora da cena perfilada.

- (6) .a - Ontem o gato arranhou o sofá.  
 .b - AG — (processo) → PAT  
 .c - Trajector — (verbo perfilado) → Landmark

Note-se que a maior parte dos componentes dos arquétipos envolve a noção de espaço e movimento, o que é sugerido no uso dos vocábulos: participantes móveis, objetos moventes, força física, impacto etc. Não à toa, espaço e movimento são uma das concepções mais básicas da experiência perceptual, sendo passíveis constantemente a processos metafóricos dos conceitos da vida cotidiana, como metáforas do tempo movente e da vida em termos de viagem (LAKOFF; JOHNSON, 1980), o que nos leva a sua constatação.

Gramática normativa	Termos essenciais/básicos	Sujeito	Predicado
<b>Cognitive Grammar (CG)</b> (termos de equivalência próxima e, por vezes, intercambiáveis)	Escopo imediato (IS) Predicação	Trajector (tr) Agente (AG)	Landmark (lm) - pano de fundo Paciente (PAT)
<b>Subjetificação na CG</b> (termos que participam da predicação em funções e contextos variáveis)	Visualizador (V), conceptualizador, <i>ground</i> (G - evento de fala)		

Quadro 5 – Nomenclatura cognitivista relativa à estrutura da oração

Fonte: elaboração própria

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tomar esta análise contrastiva pela percepção de que cada gramática possui fins específicos, algumas considerações podem ser tecidas, entre as quais se adverte que o entrosamento entre as gramáticas sempre favorece, em alguma medida, os segmentos, as construções, os parâmetros e reinterpretações mútuas.

Em amplas assunções, as gramáticas normativas tendem a ser priorizadas no cotidiano escolar, cujo ensino concentra-se em contextos formais e exemplares da língua. As gramáticas descritivas, por conta do caráter científico, estão mais interessadas no “como é” em vez do “como deve ser”, mesmo assim, podem servir como ponto de reflexão para abordagens específicas do cotidiano escolar, não precisam de estar submetidas eternamente ao contexto da pesquisa.

Analisando os quadros apresentados neste estudo, no que se refere ao tema do sujeito e do predicado, a BGPC e a GNLP estão mais próximas entre si do que estariam das gramáticas de teor descritivo; por outro lado, a MGP é a obra que mais se aproximou dos pontos adotados na gramática científica de Perini. A CG, embora possa ser atrelada a alguma subvariação de gramática descritiva, pouco se assemelhou aos demais tratados, certamente devido a sua ênfase nos processos mentais. Entre os gramáticos pesquisados, Bechara foi o único que adotou uma posição intermediária entre a tradição e a ciência, seja em sua gramática escolar GELP (de finalidade normativa), seja em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, que, como ele mesmo cunhou, é “descritiva e normativa”.

Quanto à essencialidade do sujeito, a CG apreendê-la-ia como um elemento prototípico ajustável aos processos acionados pelo arquétipo conceptual. As demais gramáticas constataam sua importância sem conferir-lhe modalidade alética de necessidade [ $\diamond$  (Suj. ^ Pred.)  $\rightarrow$  Or.]. O sujeito inexistente prova-se, na verdade, um predicado verbal sem um sintagma de valor [+CV], nesse sentido, é equiparável aos sujeitos oculto e indeterminado, conforme atesta a GDP.

O tipo de gramática descritiva presente na MGP é diferente daquele presente na GDP. Ainda que Bechara considere algumas alegações exclusivamente sintáticas dos gerativistas, suas gramáticas acomodam-se melhor às tradições filológicas e a alguns

preceitos coserianos. Já o descritivismo de Perini tem ligações mais claras com a sintaxe do gerativismo.

Este artigo aventurou-se no tema da estrutura oracional básica sob a forma de comparação das diferentes perspectivas dos conceitos – um tema que parece esgotado no senso comum de pessoas letradas, mas que, ocasionalmente, verte-se de novas indagações e roupagens. A essencialidade dos termos oracionais segue por ser uma forma ampla de reflexão sobre a linguagem, seja como moldes da língua portuguesa e de outras línguas, seja como moldes da experiência básica processadas em mecanismos de cognição.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. ed. 38. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. ed. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BRASIL. **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. Rio de Janeiro: 1959. Disponível em: <<https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf>> Acesso em 22 abr. 2022.

CHOMSKY, N. **The Logical Basis for Linguistic Theory**. Proc. 9th Int. Cong. Linguists Cambridge/MA 1962.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Breve gramática do português contemporâneo**. ed. 17. Lisboa: João Sá da Costa, 2004.

LAKOFF, G.; JONHSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. Subjetificação. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**. n. 23, v. 2, p. 162-193, UFJF, 2019.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PERINI, M.A. **Gramática descritiva do português**. ed. 4. São Paulo: Ática, 2005.

ROCHA LIMA, C.H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. ed. 49. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

TALMY, L. Foreword. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica; MITTELBERG, Irene; COULSON, Seana; SPIVEY, Michael J. **Methods in cognitive linguistic**. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. xi-xxi.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arquétipos conceptuais 12, 13, 20, 21

### E

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 31, 32, 35, 38, 43

Exílio 1, 2, 3, 7, 11

### G

Gramática 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 23, 24, 51, 61

### I

Iconicidade 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 47, 48, 49, 50

Imaginário 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10

### L

Libras 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62

Linguística 14, 20, 22, 25, 27, 28, 31, 35, 40, 51, 56, 57, 61, 62, 63

Literatura 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 44, 63

### S

Signos multimodais 37, 42

### T

Termos oracionais 12, 24

Tuítes 25, 26, 31, 32

### V

Variações linguísticas 51, 52, 55, 56, 60, 61

# REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

